

• CRIAÇÃO

POEMAS

Floriano Martins*

O PRODÍGIO DAS TINTAS

Sopra-nos o vento a música de seu fulgor:
um elo de ecos, um verso de Gonzalo Rojas,
a espinha do universo no piano
de Thelonius Monk em *Memories of you*.
Lugar metafísico onde tudo combina
com seu diverso e outro latejo,
em um desses momentos por onde cruzamos
as gélidas ruas de Kafka.
A alma splende em metamorfoses.
Por ali nos indagamos do equívoco do enigma:
– *por que tudo é sempre o mistério do vir a ser,*
a almofada do maravilhoso, seu estalo de trevas.
Sons de palavras: letras que surgem
do obscuro ritmo entrelaçado de nossos nomes
– do entreato da sagrada miséria às minúcias de nossa queda,
a um só tempo dialética e mundana.
Livros de sons: a voz deixada no oco da tradição,
notas do prodígio que é seguir vivendo
lendo o misterioso nas páginas de Bataille Blake Benn.
Por ali nos indagamos e a tinta não cessa não cessa.

* Poeta, ensaísta, tradutor.

ALARDE DE ESPELHOS

Ergo o olhar sobre a árvore visível,
escolha difícil em vista da quietude
de suas folhas: alarde de espelhos
em uma manhã sem ventos. Síncope
risível de abraços entre ser e tempo.
Um ritmo binário consome o homem,
escravo do alvo e da tensão do arco.
Réplica de uma dor lapidada à beira
da imagem ideal de todos os arcos:
guarda consigo o relâmpago e a guia.

MAR DE MARES

Dentro da memória se guarda o amor
silencioso das cinzas. Um mar secreto
que nos invade em insistentes dobras
do tempo. Provo de tua imortalidade,
um cinema tecido entregue a orações:
dá-me teu amor, oh dá-me teu amor.
Lembra-me o poeta que a dor não
passa de um minuto. Nada se iguala
ao vento de tua voz, festa de sombras.
Outro corpo que se esboça em plena dor.
Capela severa do mar dentro da qual
escrevemos e os versos nunca retornam.
Secreto vínculo com o destino – *oh dá-me* –
que não se encontra nunca em casa.

PÁGINA MARCADA

Teu nome é ausência, vertigem da memória,
flecha de ouro cujo percurso descerra
uma furtiva utopia. Ascensão ao inferno,
contigo nas emanções do vazio. Vapores
do caos sopram que tua morte é meu asilo
primordial. Um a um os fantasmas virão
depor: *recolho as cinzas de teu refúgio
em meu corpo*. Estranho mar de sentidos:
*tua imagem paciente, oh Incriado, teia
que nos torna uma tribo de vícios*. Tremor
de visões daquela que guarda a chave
em seu leito. Materiais de risco. Fogueira
de sonhos. Metáfora isolada na torre
dos delírios. Mãe infundada. Este é o corpo.

DE VOLTA AO ABISMO

Compra-a para teu gozo, disse-me o pai, desejoso de livrar-se de uma viúva, ainda que sua filha fosse. E o fiz, sem hesitar. *Aqui me tens a teus pés, senhor*, disse-me a filha, disposta a servir à ceifa de aflições que me velavam o corpo. A doce mulher parecia apegada a seu destino. Mantinha os olhos vivazes sempre arregalados em busca de algo. Ao banhar-se, no antepasto, entre óleos e vinhos, mesma doçura. E foi se servindo de tudo à sua volta, ela própria a serva incomparável da aquilatada condição. Os olhos saltitantes, por vezes longínquos, cadentes. Aos poucos compreendi: não era apenas queda ou sedutora suavidade. Buscavam uma brecha onde voltasse a ser a infatigável dama do abismo.